



EDITORIAL

Dossiê: FENOMENOLOGIA E FILOSOFIAS DA EXISTÊNCIA

Sapere Aude – v. 6 – n. 12, Jul./Dez. 2015

Uma das marcas mais pungentes do século XIX é o ápice do desenvolvimento das ciências da natureza, comprovado pelo surgimento de novas áreas para a sua atuação e pelo nascimento das ciências humanas como um novo ramo para a aplicação dos métodos científicos. Esse progresso, muito mais do que significar um salto no campo do saber, testemunhou o avanço de uma forma de racionalidade que, sendo técnico-instrumental, curiosamente deixou de ser, aos poucos, um simples instrumento para a exploração do real, tornando-se uma forma de vida e um modelo de cultura em que o horizonte dos valores, por não poder ser traduzido matematicamente, transformou-se num universo de representações muitas vezes vazias de significado.

Mas a perda de sentido não foi notada pela cultura permeada pelo cientificismo positivista, pois, no fundo, não acreditava nessa perda, mas apostava que o progresso material traria necessariamente no seu bojo o universo dos significados diante de uma razão que demonstrava claramente a sua eficácia na dominação da natureza, no controle de certas doenças e na administração do espaço público. Cega pelo seu incontestável progresso, a razão científica – que pensava ser o parâmetro por excelência não só para conhecer, mas para dar os fundamentos da realidade –, não percebeu que não conseguia dar a razão dos seus próprios fundamentos, porque sua metodologia, afiada para a análise do mundo natural, não conseguia ser instrumento para pensar a si mesma.

Nessa medida, a razão confere a si própria a responsabilidade pela *necessidade* racional sem qualquer outro “apoio” e, por isso, sem qualquer fundamento objetivo para aquela necessidade. Ela se faz *καθ’αυτὸ*, *em si e por si*, se torna absoluta (significa *livre de qualquer liame*). Diversamente das perspectivas grega e medieval, em que a razão está

envolvida numa infundável busca de um princípio primeiro no qual fundamentar suas *verdades*, a razão científica quer ser luz para si mesma (iluminista) e fundar-se a partir de si própria, mesmo que para isso se deva conviver com constante e intrínseca autodestruição.

É a partir desse pano de fundo cultural que vemos surgir a Fenomenologia de Husserl. Por sua vez, o desencanto da geração dos primeiros cinquenta anos do século XX – que experimentou as atrocidades de duas guerras mundiais, dos totalitarismos e de mudanças radicais no mapa político europeu – teve forte influência no florescimento das Filosofias da existência. Em um mundo que viu o esboroamento de estruturas aparentemente sólidas e que testemunhou a nietzschiana morte de Deus, resta o ser humano estupefato, perdido entre uma realidade histórica eivada de transformações e um horizonte de valores que não consegue acompanhar a própria realidade para dar-lhe alguma forma de significado.

Pode-se dizer que o séc. XX (ainda, o séc. XXI) vive uma mentalidade dividida em dois rumos opostos e igualmente poderosos: de um lado, a técnica científica da razão instrumental; do outro, a existência livre propugnada pelas filosofias da existência. Eis o paradoxo: não há liberdade que não seja encarnada no mundo, mas encarnar-se no mundo significa, cada vez mais, entregar-se ao sistema técnico-científico. Semelhantes impasses tornam sempre atual o tema da angústia. Mas angústia diante de quê? Diante do “não-lugar”, do nada: o mundo enquanto tal é o “diante de quê” da angústia. Ao conferir à existência prioridade temática, as filosofias do séc. XX se rivalizam com características diversificadas cujas tensões se mostram nos mais variados âmbitos possíveis, tais como: niilismo, existencialismo, consciência, ontologia, hermenêutica, linguagem, literatura, arte, psicologia, dentre outros.

Semelhante diversidade é constantemente contornada pela utilização do método fenomenológico de Edmund Husserl em sua fórmula lapidar: “zu den Sachen selbst” (*às coisas mesmas*). Tal método, por sua vez, mesmo seguindo a lapidar fórmula de retorno às coisas mesmas e a consequente *epoché*, também recebe modos variadíssimos de tratamento, de crítica de idealismo à única possibilidade de descrição da “coisidade” da coisa.

O presente dossiê pretende colocar em conjunto reflexões variadas sobre a fenomenologia e filosofias da existência com o intuito de auxiliar na compreensão da mentalidade do séc. XX (e XXI) e de abrir caminhos para busca de sentido. Contamos com articulistas e especialistas de várias instituições e Programas de Pós-graduação do Brasil, com perspectivas diversificadas e muito ricas. No *dossiê*, perfilam reflexões que dialogam com diferentes filósofos, tais como: Husserl, Heidegger, Kierkegaard, Sartre, Dufrenne, Lévinas,

Gadamer, Merleau-Ponty, Arendt, Derrida, Jean-Luc Nancy, Ricoeur, Jean-Luc Marion, Michel Henry, dentre outros que se encontram envolvidos profundamente no âmbito da fenomenologia e filosofias da existência.

Seguindo a tradição da revista *Sapere aude*, após artigos do dossiê, aparecem também *artigos de temática livre* cujas reflexões se concentram em registros temáticos diversificados, tais como: política, filosofia da religião e ciências da religião, o problema do mal, antropologia, dialética argumentativa de Hume.

As *comunicações* (sessão aberta para proposição de textos com assuntos e discussões variadas, mesmo distante do tema central do dossiê, e que, além disso, não se estruturam como um artigo propriamente dito) apresentam reflexões sobre a sociedade brasileira, niilismo, fenomenologia de Merleau-Ponty, Gadamer e a norma jurídica, o problema do mal e incomunicabilidade do ser em Górgias.

Cinco (5) livros receberam recensão na sessão *resenhas*:

- VERDURE-MARY, Anne. **Drame et pensée**: la place du théâtre dans l'œuvre de Gabriel Marcel;
- AGAMBEN, Giorgio. **O mistério do mal**. Bento XVI e o fim dos tempos;
- MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO JR., Rubens; VEDDA, Miguel (orgs.). **Walter Benjamin**. Experiência histórica e imagens dialéticas;
- SACKS, Oliver. **A mente assombrada**;
- BAUMAN, Zygmunt. **Vigilância líquida**.

Agradecemos a todos pela contribuição no presente dossiê *Fenomenologia e filosofias da existência* da revista *Sapere aude* que, a partir do segundo semestre de 2015, passa a ser classificada como **B1** pela CAPES em Periódicos Qualis.

Pela equipe editorial,

João Carlos Lino Gomes
Ibraim Vitor de Oliveira